



3.15 • Metamorfoses da violência

Mercado de armamentos: continuidades e mutações

Luis Tomé

APESAR DA INTENSA COMPETIÇÃO, os Estados Unidos continuam a liderar o fornecimento de armas convencionais. Também as companhias sediadas nos EUA, a par das sediadas na Europa Ocidental, continuam a dominar a indústria global de armamentos. Ainda assim, a Rússia disputa a liderança americana nas vendas aos “países em desenvolvimento”, enquanto a China surge agora no *top 5* dos principais fornecedores. Por seu lado, o mundo em desenvolvimento representa uma parcela significativa nas importações de armamentos, com os países do golfo Pérsico e, sobretudo, da Ásia a destacarem-se entre os maiores importadores. Estes dados são elucidativos das principais continuidades e mutações no mercado de armamentos nas últimas décadas, entre outras que se sublinham.

Principais fornecedores

Os lugares cimeiros da lista dos principais fornecedores de armamentos têm-se revelado relativamente estáveis (ver “Principais fornecedores” e “*Top dez* de exportadores e importadores de armamento”). Os EUA continuam firmes na posição de maior fornecedor: desde o fim da Guerra Fria, e além da expansão das alianças e parcerias, desenvolveram uma vasta e diversificada base de equipamentos militares de nova geração, *upgrades* em sistemas e serviços de suporte que lhe têm permitido manter grandes fornecimentos por todo o globo. O seu maior competidor é a Rússia, que surge regularmente na 2.^a posição dos maiores fornecedores e, em alguns anos e regiões, lidera mesmo o *ranking*.

Nos lugares seguintes, todavia, as posições entre os principais fornecedores têm sofrido alterações, umas mais significativas do que outras. Entre os europeus ocidentais, a França, o Reino Unido e a Alemanha são os mais expressivos. Entretanto, mercê da crise financeira, outros países europeus passaram a procurar clientes para exportarem certas capacidades que deixaram de conseguir sustentar ou de ser prioritárias – como Portugal com alguns F-16s ou da Espanha com os Eurofighter Typhoons.

Os *shares* dos principais fornecedores também têm oscilado bastante, desde 1988. Mas há recentemente uma outra alteração substancial e sintomática: o Reino Unido deixou de estar no *top 5* pela primeira vez desde pelo menos os anos 1950, ascendendo a China à 5.^a posição do *ranking* – naquela que é também a primeira alteração de posições no *top 5* em mais de duas décadas e a primeira vez que a China surge no *top 5* desde o fim da Guerra Fria –, consequência do aumento das exportações chinesas de armamentos em cerca de 162% entre 2003-2007 e 2008-2012.

O valor total dos acordos celebrados para transferência de armamentos atingiu, em 2011, cerca de 85,3 mil milhões USD, representando um aumento de 91,7% face a 2010 e o montante mais elevado

desde 2004. Também o valor das entregas efectuadas de armamentos subiu entre 2010 e 2011 de, respectivamente, 41,1 para mais de 44,2 mil milhões USD. A tendência de aumento é, de resto, sublinhada nos comparativos dos valores totais dos acordos e das entregas entre os períodos 2004-2007 e 2008-2011 (ver Grimmet e Kerr, 2012: 27-34).

De salientar, igualmente, o enorme e crescente significado dos países em desenvolvimento no mercado de armamentos, aferido desde logo pelas parcelas que representam nas vendas totais dos fornecedores. Todavia, regista-se uma variação distinta no comparativo entre os acordos celebrados e as entregas efectuadas: o *share* dos países em desenvolvimento no total dos acordos celebrados para transferência de armamentos subiu de 66,7% nos anos 2004-2007 para 79,2% em 2008-2011 (83,9% no ano de 2011), enquanto o *share* dos países em desenvolvimento no total das entregas efectuadas pelos fornecedores baixou de 64,1% em 2004-2007 para 59,5% em 2008-2011 (63,3% no ano de 2011) (*ibid.*).

“
[Verifica-se um] enorme e crescente significado dos países em desenvolvimento no mercado de armamentos
”

Em termos de destinos regionais, há evidentemente diferenças substanciais entre os principais fornecedores. Para os EUA, o Médio Oriente destaca-se como maior região destinatária, tanto em termos de acordos celebrados (atingindo uma parcela de 67,3% nos anos 2008-2011) como de entregas efectuadas (54,2% no período 2008-2011), sobretudo pelas vendas a grandes clientes como a Arábia Saudita e os Emiratos Árabes Unidos. Para a Rússia, é a Ásia a região com mais significado e, entre os principais clientes, depois da China nos anos 1990, destacam-se nos últimos anos a Índia e também países do Sudeste Asiático e do Médio Oriente, incluindo aqui os problemáticos Irão e Síria – a Rússia representa 71% das exportações de armamentos para a Síria no período 2008-2012 (Perlo-Freeman e Wezeman, 2014). A Ásia é igualmente a principal região destinatária das vendas de armas da China, salientando-se os for-

necimentos ao Paquistão. Por seu lado, para os quatro grandes fornecedores europeus (Reino Unido, França, Alemanha e Itália), se o Médio Oriente se destacou no período 2004-2007, nos anos 2008-2011 foi na Ásia que mais entregas de armamentos efectuaram (*share* de 45,3%). Já para os restantes fornecedores europeus, a Ásia e o Médio Oriente salientam-se e com parcelas similares em matéria de acordos celebrados, se bem que em termos de entregas efectuadas, de 2004-2007 para 2008-2011, se verifique uma descida no *share* do Médio Oriente (de 29,4% para 19,7%) e subidas ligeiras das parcelas da Ásia e da América Latina e significativa no caso de África (de 9,8% para 17,7%) (Grimmet e Kerr, 2012: 38-40, 52-54).

Indústria de armamentos

As companhias sediadas nos EUA e na Europa Ocidental continuam a dominar a indústria de armamentos: o *Top 100* do *SIPRI Arms Transfers Database* (que exclui a China por falta de dados credíveis) contempla 42 companhias americanas (que representam 58% do total das vendas) e 30 da Europa Ocidental (significando mais de 28% do total das vendas). Esse domínio é, aliás, bem visível na lista das dez maiores companhias de produção de armamentos e serviços militares (ver “*Top 10* das companhias de produção de armamento”) que tem estado relativamente estável ao longo da última década – ainda que a retirada americana do Iraque no final de 2011 e a saída em curso do Afeganistão afecte directamente várias companhias americanas (por exemplo, a KBR, que fornecia apoio logístico às forças americanas no Iraque, viu descer 60% o valor das vendas em 2012) que, por isso, intensificaram a busca de clientes noutros mercados (Perlo-Freeman e Wezeman, 2014).

As companhias russas não só continuam a exportar muita da sua produção de armamentos, como veem crescer as vendas internamente na sequência do Programa de Reequipamento Militar da Federação Russa 2011-2020, que prevê um pacote total avaliado em 700 mil milhões USD: as vendas das companhias russas aumentaram 28%, em 2012 e a Almaz Antei (com uma subida de 41%) está agora na 14.^a posição das maiores companhias, a mais elevada de uma companhia russa em mais de dez anos (*ibid.*). Por outro lado, o *share* das compa-

	EUA	Rússia	UE 4 ¹	China	Outros
1988-1991	30,5	26,1	27,0	3,6	12,8
1992-1995	49,1	12,3	26,7	1,6	10,4
1996-1999	34,0	13,3	29,2	5,1	18,5
2000-2003	47,3	17,7	15,8	1,8	17,4
2004-2007	31	21	27	4	17
2008-2011	56	13	16	3	12

Principais fornecedores em acordos para transferência de armamentos (1988-2011, *share* em %).

¹ Reino Unido, Alemanha, França e Itália, Fonte: Grimmet e Kerr, 2012; Grimmet, 2004; Grimmet, 1996.

Exportadores		Importadores	
Top 10	Share global (%)	Top 10	Share global (%)
1. EUA	30	1. Índia	12
2. Rússia	26	2. China	6
3. Alemanha	7	3. Paquistão	5
4. França	6	4. Coreia do Sul	5
5. China	5	5. Singapura	4
6. Reino Unido	4	6. Argélia	4
7. Espanha	3	7. Austrália	4
8. Itália	2	8. EUA	4
9. Ucrânia	2	9. Emiratos Árabes Unidos	3
10. Israel	2	10. Arábia Saudita	3

Top 10 de exportadores e importadores de armamentos (2008-2012). Fonte: SIPRI Yearbook 2013: Armaments, Disarmament and International Security.

Ranking	Companhia	País	Vendas Armas. 2012 (milhões USD)	Armamentos no total das vendas (em %)	Número Empregados
1	Lockeed Martin	EUA	36.000	76	120.000
2	Boeing	EUA	27.610	34	174.400
3	BAE Systems	Reino Unido	26.850	95	88.200
4	Raytheon	EUA	22.500	92	67.800
5	General Dynamics	EUA	20.940	66	92.200
6	Northrop Grumman	EUA	19.400	77	68.100
7	EADS	Trans-Europeia	15.400	21	140.000
8	United Technologies	EUA	13.460	22	218.300
9	Finmeccanica	Itália	12.530	57	67.408
10	L-3 Communications	EUA	10.840	82	51.000

Top 10 das companhias de produção de armamentos e serviços militares (2012).

Fonte: Perlo-Freeman e Wezeman, 2014.

nhas sedeadas fora da América do Norte e da Europa Ocidental aumentou continuamente desde 2005, atingindo a parcela máxima em 2012 com 13,5%. Assim, se alargarmos, a lista encontraremos variações muito significativas nas respectivas posições e agora também a inclusão e ascensão no top 100 de companhias oriundas da Polónia (Bumar Goup), da Ucrânia (Ukobonprom, formada em 2011 e cujas vendas subiram 14% em 2012) ou do Brasil (Embraer, cujo volume de vendas de armas aumentou 36% em 2012) (ver Perlo-Freeman e Wezeman, 2014; e SIPRI Arms Transfers Database). Os dados relativos às companhias chinesas continuam a ser insuficientes e díspares, mas estimativas indicam que os dez maiores conglomerados chineses terão lugar no top 100 das companhias de armamentos – dos quais quatro a seis provavelmente no top 20 e a companhia de aviação AVIC talvez mesmo no top 10 – e que, somados, terão vendido armamentos no valor de quase 270 mil milhões USD, em 2012. Facto é que a China tem desenvolvido muito a sua indústria para a defesa, resultando não apenas na diminuição das importações de armamentos, como também aumentando significativamente o volume de exportações (Cheung, 2013; Perlo-Freeman e Wezeman, 2014).

Principais importadores

A lista dos maiores importadores de armamentos é, ao longo dos anos, bastante oscilante. De qualquer modo, destacam-se os “países em desenvolvimento” e, destes, os importadores do Médio Oriente e da Ásia-Pacífico. É o caso, nos últimos anos, dos Emiratos Árabes Unidos (9.º no ranking 2008-2012) e da Arábia Saudita (10.º), em larga medida para contrabalançar o Irão. Os países árabes do golfo Pérsico representam 7% do total das importações mundiais de arma-

mentos no período 2008-2012, baixando contudo o *share* global do Médio Oriente de 22% para 17% face ao quinquénio anterior.

Por seu lado, a Ásia-Pacífico representa agora quase metade das importações globais de armamentos, subindo o *share* regional de 41%, em 2003-2007 para 47%, em 2008-2012 (ver “Regionais na importação de armamento”). A comprovar o crescente impacto desta região no mercado mundial de armamentos está o facto de seis países dali integrarem o top 10 dos maiores importadores 2008-2012, com cinco países asiáticos no top 5: a Índia surge largamente destacada no 1.º lugar (com 12% de *share*), seguindo-se a China (que vem diminuindo a sua parcela nas importações globais), o Paquistão, a Coreia do Sul e Singapura. Além dos balanceamentos mútuos, outras razões que ajudam a explicar o volume de importações de armamentos na Ásia-Pacífico são a maior disponibilidade financeira destes países; os programas em curso de sofisticação e reforço de capacidades militares, incluindo meios aéreos, navais e mísseis; e as muitas disputas territoriais, crises e tensões regionais, de Caxemira à Coreia, passando pelos mares da China Oriental e Meridional. Também em África e na América Latina vários países têm vindo a modernizar as suas capacidades militares, importando volumes apreciáveis. Entre 2003-2007 e 2008-2012, as importações dos países do Norte de África cresceram cerca de 350% e na África Subsariana 5%, muito contribuindo para o *share* de África nas importações globais de armamentos passar de 5% para 9%. Na América Latina, o destaque incide na Venezuela, que tem importado essencialmente da Rússia (origem de 66% das importações venezuelanas), de Espanha e da China, estas com parcelas similares de 12% cada (SIPRI Yearbook 2013 e Arms Transfers Database).

Ao invés, o volume de importações de armamentos por países europeus baixou cerca de 20% entre 2003-2007 e 2008-2012, contribuindo para o decréscimo do *share* global da Europa de 22% para 15%. É, no fundo, mais um reflexo da crise económico-financeira e das reduções subsequentes dos orçamentos de defesa nacionais e dos programas de aquisições militares, afectando directamente também as vendas/compras entre parceiros europeus. Exemplo paradigmático disto mesmo é a Grécia, que no período 2006-2010 foi o maior comprador de armamentos da Alemanha e o terceiro da França, mas regista uma queda de 61% nas importações de armamentos entre 2003-2007 e 2008-2012, caindo da 4.ª para a 15.ª posição entre os maiores importadores.

Importa ainda aferir o peso relativo que têm nas importações regionais os principais fornecedores. Na Ásia, a maior parcela das importações de armamentos tem tido origem na Rússia, embora seja com os EUA que o conjunto da região maior volume de acordos celebrou no período 2008-2011. No Médio Oriente, as importações a partir dos EUA representam de longe a maior parcela, chegando aos 78,9% dos contratos celebrados em 2008-2011. Por seu lado, cerca de um terço das importações da América Latina são originárias da Rússia, mas sublinha-se a significativa subida da parcela dos contratos celebrados com os quatro grandes UE de 12,2% para 40,3% entre 2004-2007 e 2008-2011. Já em África, a China posiciona-se como a maior origem das importações de armamentos, seguida de perto pela Rússia e com os europeus a revelarem impactos oscilantes nos comparativos, tanto entre os 4 grandes UE e os outros Europa, como entre os contratos celebrados e as entregas efectuadas (Grimmet e Kerr, 2012: 38-40, 52-54). ■

	2003-2007	2008-2012
Ásia-Pacífico	41	47
Médio Oriente	22	17
Europa	22	15
Américas	10	11
África	5	9

Regionais na importação de armamentos, 2003-2012, shares (%). Fonte: Perlo-Freeman e Wezeman, 2014

Referências

- CHEUNG, T. (ed.) (2013). *The Chinese Defense Economy Takes Off: Sector-by-Sector Assessments and the Role of Military End Users*. University of California Institute on Global Conflict and Cooperation: La Jolla, CA.
- GRIMMET, R. F. e Kerr, P. K. (2012, August). *Conventional Arms Transfers to Developing Nations, 2004-2011*. US Congressional Research Service.
- GRIMMET, R.F. (2004, August). *Conventional Arms Transfers to Developing Nations, 1996-2003*. US Congressional Research Service.
- GRIMMET, R.F. (1996, August). *Conventional Arms Transfers to Developing Nations, 1988-1995*. US Congressional Research Service.
- SIPRI Arms Transfers Database [em linha]. Acesso em 3.02.2014. Url: <http://portal.sipri.org/publications/pages/transfer/splash>
- SIPRI Yearbook 2013: Armaments, Disarmament and International Security. Disponível online em <http://www.sipri.org/yearbook/2013>
- PERLO-FREEMAN, S; Wezeman, P. D. (2014, January). *The SIPRI Top 100 Arms Producing and Military Services Companies*. SIPRI Fact Sheet.